



Manuel J. Gandra ©

**ABRIGOS COM ARTE RUPESTRE
EM PORTUGAL**
Subsídio para o seu roteiro

BEJA

GALEADOS 1 ou Monte dos Galeados 1 (Brinches, Serpa)

Inúmeras covinhas na face interior de um grande monólito em granito

Bibliografia: LOPES, Maria da Conceição / CARVALHO, Pedro / GOMES, Sofia, *Arqueologia do Concelho de Serpa*, 1998

BRAGANÇA

FRAGA DA MOURA ou Fraga dos Mouros (Carrapatos, Bragança)

O mais importante dos diversos abrigos que ocorrem num afloramento xisto-quartzítico, situado no topo de uma colina, tradicionalmente associado à descoberta de potes e panelas com tesouros (o abade de Baçal menciona uma “lança de ouro”). Está referenciada aqui uma insculptura em forma de ferradura.

Bibliografia: NETO, Joaquim Maria, *O Leste do território Bracarense*, Torres Vedras, 1975; BAÇAL, Abade de, *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*, 1934

FRAGAS DO CABRIL 3 (Aveleda, Bragança)

Pala em afloramento de xisto-grauvaque com três, eventualmente, quatro figuras pintadas de cor vermelho-vinhoso, uma delas pectiforme.

CACHÃO DA RAPA (Ribalonga, Carrazeda de Ansiães)

Paredão vertical de granito insculturado, situado na margem direita do Douro, sobre o túnel da Alegria (ca. 2 km a montante da estação de caminho de ferro de Tua), expressamente construído, em 1853, para preservar o arqueosítio. Foi a primeira estação de arte rupestre portuguesa a ser descrita, no séc. XVIII: a primeira referência ficou a dever-se ao Padre António Carvalho da Costa, o qual assinala a existência de uma rocha com pinturas, em “sítio áspero”, junto ao Douro na sua *Corografia Portuguesa* (tomo I, 1706, p. 436): “Os naturais dizem que estas pinturas se envelhecem umas e se renovam outras, e que guarda esta pedra algum encantamento, porque querendo por vezes algumas pessoas examinar a cova, que se oculta por baixo, foram dentro maltratadas, sem ver de quem”. No ano de 1721, os padres João Pinto de Moraes e António de Sousa Pinto descreveriam o mesmo local (*Memórias de Anciães*), conhecido pela designação de *Letras*, referindo a existência de duas “salas”, entretanto desaparecidas: “No fundo desta pedra em que estão estas estampas e caracteres, para a parte que olha para o rio Douro está um portal ao que parece obra da natureza, e entrando por ele dentro se acha em pedra firme uma grande sala com assentos, à roda, e no meio uma grande mesa tudo de pedra, como dizem pessoas que nele têm entrado, que afirmam ver-se desta sala outra porta, que vai para outras que estão mais para dentro, adonde os presentes não têm entrado com pavor: porque intentando fazê-lo com sobrepeliz e estola em uma manhã de S. João (em que se reformam as letras acima), o Padre Domingos Mendes, confirmado que foi de Santa Marinha do lugar de Ribalonga, no ano de 1687, ou para desenganar o vulgo, que diz estar ali um grande tesouro encantado, ou por ambição de o haver a si, achando-o, depois de entrar aquela primeira sala intentando entrar a segunda lhe deu tal fedor e pavor que ficou trémulo e insensato e a poucos dias lhe caíram os dentes e nunca mais falou de sorte que bem se entendesse”. Anos volvidos, Jerónimo Contador de Argote publicaria nas suas *Memórias para a História Eclesiástica de Braga Primaz das Hespanhas* (tomo 2, Lisboa, 1734, p. 486-489), nova notícia, agora nomeando o local como Cachão da Rapa e reproduzindo em estampa aberta por Debrie os motivos ali patentes. Na 2ª edição de outra obra, intitulada *De antiquitatibus Conventus Bracaraugustani* (Lisboa, 1738, liv. 3,

cap VIII), igualmente acompanhada pela mesma estampa (p. 332), escreve: “[diz-se que perto do] Cachão da Rapa, na margem direita do rio Douro, que é precipitada em distância de vinte passos do rio, está eminente um penhasco todo coberto de musgo, excepto em parte de uma face, que está mui lisa por espaço de dez côvados em alto, e quatro em largo no meio, nas extremidades três; nesta tal face lisa se vêem debuxadas diversas figuras com cores diversas, a saber: uns quadrados e outras que se não pode bem julgar se são hieróglifos ou letras. Os quadrados em parte se parecem com os do jogo do xadrez, em parte diferem, porque nem são tantos, nem de duas cores, nem brancos e negros, mas só de uma cor, que é um vermelho escuro, a margem porém em alguns é azul, outros a não têm. As demais figuras se compõem das mesmas duas cores. O vulgo, e o que é mais, alguns homens nobres e eruditos, entendem que estas figuras se renovam todos os anos em dia de S. João Baptista pela manhã e que aparecem mais brilhantes. Eu reputo isto por alucinação da vista”. A degradação da parede rochosa a par com o desvanecimento das cores (vermelho cor de vinho, e negro azulado) torna muitas das figuras (cerca de trinta são ainda identificáveis) praticamente invisíveis e dificilmente compreensíveis, não fora a iconografia setecentista, conjugada com os sucessivos registos e desenhos de José Félix Alves (1853), Possidónio Narciso da Silva (1887) e Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior (ca. 1930). Observam-se figurações pintadas, *sui generis* sob diversas perspectivas, a começar pela utilização simultânea do vermelho cor de vinho e do azul. A temática é de cariz geométrico, predominando os motivos quadrangulares reticulados (uns quantos com apêndices distais, por vezes constituídos por duas fiadas verticais de pequenas linhas rectas horizontais e paralelas) e elípticos (alguns com os eixos assinalados). Alguns autores interpretaram os quadrados quadripartidos como representações idoloformes, mas o significado exacto do conjunto, ao qual se atribui origem Neolítica (a datação obtida pelo C14 ronda os 4500 a. C.), permanece enigmático, não obstante as diversas propostas explicativas enunciadas: Vitorino da Silva Araújo interpreta as pinturas como a representação de uma batalha, dada no tempo dos romanos na Lusitânia; Cabré vê nelas uma dança litúrgica de mulheres vestidas em torno de um homem despido; Virgílio Correia interpreta-as como uma consagração ao rio Douro; o Abade de Baçal aventa a hipótese de as *Letras* do Cachão da Rapa corresponderem à grafia simbólica insculpida em madeira (Tala do Gado, Tala do Foro de Calabor, etc.) ainda usada em muitas aldeias bragançanas nos negócios comerciais, tributários, pecuários, etc.; Teófilo Braga alude ao arqueosítio (*Alma Portuguesa: narrativa epo-histórica*, 1904, p. 270-274), asseverando que sob as *Letras* se oculta “o tesouro de Luso, caverna das inscrições ogâmicas; a rocha que domina essa caverna é a *Pedra Virgem*, o penedo que fala, porque tem na face lisa um Peravana, os sons fan, phone, ou vene, que traduzem as *Sagas* venerandas das Idades passadas. [...]. Repara para estes quadrados: uma linha figura o tronco da árvore de Orgham, e como ramos dela, cruzam-se outras linhas que se distinguem umas das outras apenas pela posição e agrupamento: a primeira letra é figurada por um risco ou barra atravessada; a 2^a letra por dois travessões terminando o grupo de barras na quinta letra. E do lado oposto ao primeiro grupo começam-se da mesma forma os caracteres do segundo grupo de letras; no 3^o os traços são perpendiculares ao tronco, no 4^o esses traços são transversais ou oblíquos”. Durante o século XVIII, foram realizadas escavações na gruta, tendo sido recolhidos muitos fragmentos de “vasos de barro” e, segundo Argote, uma “grande cruz de prata”. Em Outubro de 1930, quando Santos Júnior redescobriu o arqueosítio, até então considerado perdido pela generalidade dos autores que se lhe haviam referido desde o século XIX, entrou na denominada “Cova da Moura” não tendo lá encontrado nem a mesa, nem os bancos de pedra, nem “nada que merecesse interesse arqueológico”. Contudo, de uma plataforma adjacente, onde procedeu a uma escavação, exumou “lascas informes de quartzo, fragmentos de xisto

metamórfico, calhaus rolados de quartzite e um só instrumento de pedra, um machadinho de anfibolite(?)”, bem como “numerosos fragmentos de cerâmica”, entre os quais alguns campaniformes, apresentando, conforme fez questão de notar, afinidades com a das grutas de Santo Adrião (Vimioso).

Bibliografia: ALVES, Padre Francisco Manuel, *Ilustração Trasmontana* (1910), p. 138; idem, *Linhares*, in *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, v. 9, Bragança, 1975 (2ª ed.), p. 666-675; ARAÚJO, Vitorino da Silva, in *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, t. 5 (1887), p. 79; ARNAUD, José Morais, *O Megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas*, in *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, v. 1, Lisboa, 1977, p. 99-112 [datação pelo radiocarbono]; BREUIL, Henri, *La Roche Peinte de Valdejunco*, in *Terra Portuguesa*, v. 3 (1917), p. 26; idem, *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, v. 1, Lagny, 1933, p. 43-46; CABRÉ AGUILO, Juan, *Arte rupestre Gallego y Portuguêz (Eira d'os Mouros y Cachão da Rapa)* (Memórias publicadas pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, n. 2), Lisboa, 1916; CARDOSO, Padre Luís, *Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica de todas as cidades, vilas, etc.*, Lisboa, 1747, livro 1, p. 469 [artigo *Anciaens*]; CORREIA, Vergílio, *Pinturas Rupestres descobertas em Portugal no século XVIII*, in *Terra Portuguesa*, a. 1, v. 1, n. 4 (Mai. 1916), p. 116-119; CORREA, Mendes, *A Cronologia das mais antigas inscrições do Noroeste peninsular* (discurso inaugural da 6ª secção do Congresso de Barcelona das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências), p. 38; idem, *Geologia e Antropologia em Portugal*, Lisboa, 1929, p. 20; idem, *A Lusitânia pré-romana*, in *História de Portugal*, v. 1, Barcelos, 1930, p. 134; CUEVILLAS, F. Lopes / BOUZA-BREY, Os oestrinios, os saefes e a ofiolatria em Galicia, in *Arquivo do Seminário de Estudos Galegos*, Coruña, 1929, p. 53; FERREIRA, Cândida Florinda, *Carrizada de Anciães: notas monográficas*, Lisboa, 1932, p. 80-84; FERREIRA, Fernando César, *As bases para a interpretação das chamadas pinturas rupestres do Cachão da Rapa*, Mirandela, 1963 [BN: SA 27227 V]; idem, *As bases para a interpretação das chamadas pinturas rupestres do Cachão da Rapa na margem direita do rio Douro em Trás-os-Montes - Portugal*, Mirandela, 1986; GIRÃO, Amorim, *Arte Rupestre em Portugal (Beira Alta)*, in *Biblos*, v. 1, n. 3 (1925); LACERDA, Aarão de, *O Fenómeno Religioso e a Simbólica*, Porto, 1924, p. 233-236; MATTOSO, Luiz Montez, *Ano Noticioso e Histórico*, v. 1, Lisboa, 1934, p. 17-18 [numa nota, datada de Torre de Moncorvo, 8 de Janeiro de 1740, reproduz quase literalmente a notícia produzida pelos Padres João Pinto de Morais e António de Sousa Pinto]; MORAIS, João Pinto de / PINTO, António de Sousa, *Memórias de Ansiães*, 1721 [BN: cod. 222, fl. 171-176v], ed. Ricardo Manuel Paninho Pereira, Carrizada de Ansiães, 1985, p. 54-56; OBERMAIER, Hugo, *Die Bronzezeitlichen von Nordwestspanien (Galicien)*, in *Ipeck* (1925), p. 51-59; SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos, *As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa*, in *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia*, v. 6, n. 3 (1932), p. 185-222; idem, *Arte Rupestre*, in *Actas do Congresso do Mundo Português*, v. 1, Lisboa, 1940, p. 338-344; SILVA, M. da [aliás, SILVA, Possidónio Narciso da], *Inscription très ancienne et rare gravée et peinte sur un rocher en Portugal*, in *Actas do Congresso de Grenoble* (1885) da Associação Française pour l'avancement des Sciences [ilust. com a reprodução publicitada pelo arquitecto régio no artigo *Sinais sobre um penhasco no lugar de Linhares, na Província do Douro*, in *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, n. 5, t. 5 (1887), p. 78]; SOUSA, Amílcar de, *S. Salvador do Mundo: a Grande Romaria da Beira Alta*, in *Ilustração Portuguesa*, n. 79 (26 Ago. 1907) [dá as pinturas como desaparecidas]; VASCONCELOS, J. Leite de, *Religiões da Lusitânia*, v. 1, Lisboa, 1897, p. 360-363 (fig. 77); VIANA, Abel, *As pinturas rupestres do Cachão da Rapa*, in *Notícias de Viana*, n. 149, 150, 153 e 154 (1930); VILAR MAIOR, Visconde de, *O Douro Ilustrado: Álbum do Rio Douro e Paiz Vinhateiro*, Porto, 1876, p. 105-106

CARNEIRO (Mazouco, Freixo-de-Espada-à-Cinta)

Pequeno abrigo voltado a NNE, com um equídeo gravado num painel de xisto.

Bibliografia: JORGE, Susana de Oliveira / JORGE, Vitor de Oliveira / ALMEIDA, C. A. F. de / SANCHES, M. J. / SOEIRO, M. T., *Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta)*, in *Arqueologia*, n. 3 (1981) p. 3-12; idem, *Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo de Espada à Cinta*, in *Zephyrus*, n. 34-35 (1982), p. 65-70

FONTE SANTA (Lagoaça, Freixo-de-Espada-à-Cinta)

Abrigo com pinturas esquemáticas no vale da Ribeira de Mós.

Bibliografia: SANCHES, Maria de Jesus / SANTOS, Branca do Carmo, T. O., *Levantamento Arqueológico do Concelho de Mirandela*, in *Portugália*, nova série, v. 8 (1987), p. 17

FRAGA DO GATO (Poiães, Freixo-de-Espada-à-Cinta)

Revelado por Nelson Rebanda e Fernando Morgado, no *I Congresso Internacional sobre o rio Douro* (Abr.-Mai. 1986). Pintura esquemática a preto e vermelho sobre xisto.

ABRIGO DE BARROCO PARDO (Palaçoulo, Miranda do Douro)

Sito na extrema de Palaçoulo, a meio de um outeiro adjacente à ribeira da Ribeirica. É formado por rochas de xisto, sedimentadas horizontalmente. Sobre uma parede lateral orientada a Leste e em dois painéis sobrepostos, observam-se incisões rectilíneas e verticais, de pequena dimensão, agrupadas, com aspecto ligeiramente fusiforme. Ocorrem também caçoletas, eventuais indicadores astrais.

ABRIGO DE PASSADEIRAS (Palaçoulo, Miranda do Douro)

Situa-se no local denominado *Passadeiras*, junto à ribeira da Ribeirica ou de Palaçoulo. Possui insculpturas incisivas formando séries de sinais lineares, ora isolados, ora agrupados, alguns dos quais vagamente alfabetiformes.

AGUÇADEIRAS (Miranda do Douro)

Abrigo atribuído à Idade do Bronze. Sito a Norte da aldeia de Atenor [*Gauss*: M - 336,9; P - 496,9] e constituído por três afloramentos xistosos com gravuras produzidas pela técnica de abrasão, idênticas às insculpturas da Fraga do Diabo (Vila dos Sinos, Mogadouro). A fraga maior localiza-se junto à ribeira e apresenta 19 pequenos painéis, formados por conjuntos de traços curtos e profundos, paralelos entre si e, ocasionalmente, intersectados por outros perpendiculares ou diagonais. O segundo afloramento, distante do primeiro cerca de 5 m para E, revela 4 painéis do mesmo tipo. A terceira fraga acha-se a 20 m a NE da primeira, exibindo apenas alguns riscos que já foram interpretados como dois triângulos. Na margem oposta da ribeira, face ao primeiro afloramento e na extremidade Sul de um fraguado, observam-se mais petróglifos, porém produzidos pela técnica de picotagem: trata-se de um conjunto formado por 2 covinhas (1,5 de diâmetro), um traço e dois cruciformes (21 x 13 cm e 21,5 x 12 cm), o segundo dos quais rodeado por outras 8 covinhas. Ainda na margem esquerda da ribeira e a cerca de 1500 m para SO destas insculpturas, no meio do monte [*Gauss*: M - 337,0; P - 496,9], existe um afloramento xistoso apresentando três cruciformes, dois deles ligados pelo braço transversal (dimensão máxima na vertical: 22 cm), igualmente produzidos pela técnica de picotagem.

Bibliografia: MARCOS, Domingos dos Santos, *Descoberta de gravuras rupestres em Atenor, Miranda do Douro*, in *Arqueologia*, n. 9 (1984); MARCOS, Domingos dos Santos, *Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do planalto mirandês*, in *Brigantia*, v. 13, n. 3-4 (Jul.-Dez. 1993), p. 198-199

SOLHAPA (Duas Igrejas, Miranda do Douro)

Abrigo [*Gauss*: M - 350,1; P - 500,1] sito a cerca de dois quilómetros da localidade homónima. Apresenta petróglifos esquemáticos idênticos aos de Aguieiras (Mirandela): cinco painéis com insculpturas de cariz geométrico e covinhas isoladas, agrupadas em conjuntos de duas ou três ou ainda ligadas entre si por sulcos, obtidos por picotagem.

Bibliografia: MOURINHO, António Maria, *O Abrigo rupestre da Solhapa em Duas Igrejas (Miranda do Douro)*, in *O Arqueólogo Português*, s. 3, v. 6 (1972), p. 33-61; SANCHES, Maria de Jesus, *Contribuição para o estudo da Pré-História recente no Planalto Mirandês* (prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica na Faculdade de Letras do Porto, 10 Nov. 1988); SANCHES, Maria de Jesus / LEBRE, A. G., *O abrigo com arte esquemática da Solhapa - Duas Igrejas, Miranda do Douro*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 26, n. 1-4 (1986), p. 129-142; SANCHES, Maria de Jesus / SANTOS, Branca do Carmo T. O., *Levantamento arqueológico de Mirandela*, in *Portugália*, nova série, v. 8 (1987), p. 13-14, est. III e IV

FRAGAS DA LAPA (Atenor, Miranda do Douro)

Seis painéis de xisto com insculpturas esquemáticas e semi-esquemáticas realizadas nas superfícies subhorizontais da cobertura exterior do abrigo, todas voltadas a poente e produzidas pela técnica de picotagem. O painel 3 foi interpretado como o axial, pois “parece representar a síntese compositiva do santuário”, sendo aquele onde se observa a maior variedade de motivos: 4 figuras subquadrangulares, uma oval, 2 antropomorfos ictifálicos, etc. Nos restantes ocorrem linhas ondeantes, espirais, cruciformes, entre outros. Este sítio revelou estruturas de *habitat* e um pequeno *tumulus*.

Bibliografia: MARCOS, Domingos dos Santos, *Descoberta de gravuras rupestres em Atenor, Miranda do Douro*, in *Arqueologia*, n. 9 (1984); SANCHES, Maria de Jesus, *Distrito de Bragança - Miranda do Douro: Abrigo das*

Fragas da Lapa, in *Informação Arqueológica*, n. 7 (1986), p. 22-23; idem, *O abrigo gravado das Fragas da Lapa*, in *Arqueologia do Vale do Douro* (I Congresso Internacional do Rio Douro), 1998, p. 105; idem, *O abrigo com gravuras esquemáticas das Fragas da Lapa* (Atenor, Miranda do Douro), in *Portugália*, v. 6-7 (1985-1986), p. 7-20

VALE DE ESPINHEIROS (Atenor, Miranda do Douro)

Cinco dos sete abrigos (2, 3, 4, 5 e 7), definidos pelos afloramentos de xisto grauváquico da margem direita da Ribeira das Veigas [*Gauss*: M - 338,5; P - 497,9], contêm gravuras esquemáticas: linhas sinuosas, grupos de covinhas, ou alinhamentos delas, combinados com pequenos sinais rectilíneos ou riscos, do tipo dos encontrados nas Aguçadeiras e nas Fragas do Diabo. No *abrigo 5* observa-se um antropomorfo picotado (h = 620 mm x l = 430 mm)

Bibliografia: MARCOS, Domingos dos Santos, *Descoberta de gravuras rupestres em Atenor, Miranda do Douro*, in *Arqueologia*, n. 9 (1984); MARCOS, Domingos dos Santos, *Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do planalto mirandês*, in *Brigantia*, v. 13, n. 3-4 (Jul.-Dez. 1993), p. 198-199

VALE DE PALHEIROS (Atenor, Miranda do Douro)

Sob dois afloramentos de xisto, em cada uma das margens da ribeira homónima [*Gauss*: M - 336,7; P - 495,6], pequenos conjuntos de traços filiformes, produzidos por abrasão.

Bibliografia: MARCOS, Domingos dos Santos, *Descoberta de gravuras rupestres em Atenor, Miranda do Douro*, in *Arqueologia*, n. 9 (1984); MARCOS, Domingos dos Santos, *Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do planalto mirandês*, in *Brigantia*, v. 13, n. 3-4 (Jul.-Dez. 1993), p. 198-199

AVIDAGOS (Mirandela)

Cerca de 2,5 km para Leste desta aldeia, no caminho que segue para Lombeiro, acha-se a Fraga do Corvo [41° 24' 26" Norte; 1° 50' 47" Leste de Lisboa; cota: 480 m], situada no início da vertente Sudeste do cabeço homónimo, pontuado por um aglomerado descontínuo de afloramentos de xisto. Num deles, resguardado por uma pala, observa-se um painel subrectângular (1,5 x 0,8 m) onde, outrora, parecem ter existido pinturas a vermelho, actualmente a tal ponto delidas que Maria de Jesus Sanches apenas detectou vestígios de tinta num pequeno traço vertical recente. A arqueóloga considera, no entanto, bastante plausível a possibilidade de os desenhos modernos (antropomorfos esquemáticos e círculos encimados por cruces) observáveis neste abrigo rupestre terem seguido "genericamente os contornos das figuras anteriores", as quais uma limpeza cuidadosa poderá tornar a revelar.

Bibliografia: SANCHES, Maria de Jesus / SANTOS, Branca do Carmo T. O., *Levantamento arqueológico de Mirandela*, in *Portugália*, nova série, v. 8 (1987), p. 14

BURACO DA PALA (Mirandela)

Também conhecido por abrigo 9 do Regato das Bouças. Abre-se a SE, à cota de 860 metros, no xisto quartzítico da serra de Passos - Santa Comba, dominando uma extensa paisagem que inclui a quase totalidade da bacia do Mirandela, drenada pelo Tua e seus afluentes [41° 27' 35" Norte; 1° 50' 45" Leste de Lisboa]. A entrada, uma enorme fenda, alongada na vertical, mede cerca de 25 metros por 12 de largura. O Buraco da Pala foi cristianizado em meados de 1986, com uma enorme cruz de cimento armado (o Cruzeiro), implantada no topo da crista rochosa onde se insere, e uma imagem de São Bento encostada à parede Norte do abrigo, cuja área ao nível do solo rondará os 88 metros quadrados (aproximadamente 16 x 8 metros). Esta transformação em local de culto e peregrinação tornar-se-ia responsável pela quase destruição do abrigo, mas também de praticamente toda a plataforma que lhe ficava contígua. Na parede lateral direita observam-se ainda dois painéis com pintura esquemática de cor vermelho vinho, onde ocorrem antropomorfos e barras paralelas, verticais (motivos comuns a outros abrigos regionais: Regato das Bouças 1, 3 e 8). As escavações efectuadas nos anos de 1987-1989, além de diversas estruturas (lareiras, buracos de poste, áreas de talhe e áreas de silagem), utilizadas de forma descontínua desde o Neolítico antigo até ao Calcolítico final (3º quartel do III milénio a. C.), período ao qual têm sido atribuídas as pinturas, revelaram diversificado conjunto de artefactos líticos e cerâmicos (lisos e

decorados), bem como alguns excepcionais, em variscite e ouro e um de cobre (machado?). Não creio serem as mais consentâneas as conclusões dos arqueólogos a respeito desta estação, que se constitui, até à data, como a única evidência directa disponível da prática da agricultura no Neolítico Antigo de Portugal. Com efeito, face aos silos, que denominam de “provisões” (prefiro chamar-lhes *oferendas*), identificados contra as paredes N e NE do abrigo, e depois de constatarem a evidente utilização temporário-sazonal do local, optam por asseverar que o sítio foi “utilizado essencialmente como local de armazenamento de cereais, leguminosas (provavelmente já secas) e de outras glandes”, deixando, ainda, sem explicação cabal (são meramente especulativas as aplicações medicinais e gastronómicas invocadas!) a ocorrência de *Papaver somniferum* L., vulgo papoila do ópio, porventura destinada a utilização em rituais xamânicos de que este arqueosítio quase certamente foi palco (a cristianização dele não deixará transparecer a persistência até à actualidade do carácter sacral do lugar?), entre ca. 3800 - 2400 a. C., de acordo com datações calibradas de C14. Foi ainda identificado um caso de metalurgia primitiva de ouro do mesmo período.

Bibliografia: RAMIL REGO, P. / RODRIGUEZ, M. J., *A paleocarpological study of Neolithic and Bronze Age levels of the Buraco da Pala rock-shelter (Bragança, Portugal)*, in *Vegetation History and Archaeobotany*, Wilhelmshaven, 1993, p. 163-172; SANCHES, Maria de Jesus, *O Buraco da Pala, um abrigo pré-histórico no concelho de Mirandela (notícia preliminar das escavações de 1987)*, in *Arqueologia*, n. 16 (Dez. 1987), p. 58-77; idem, *Cinco datas para a pré-história recente do Leste de Trás-os-Montes*, in *Arqueologia*, n. 19 (1989), p. 114-115; idem, *O abrigo do buraco da Pala (Mirandela) no contexto da Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro* [Texto policopiado], Porto, 1995 (Tese doutoramento Pré-história e Arqueologia, Univ. Porto, 1995); idem, *Pintura esquemática no abrigo do Buraco da Pala*, in *Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro: o Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional*, v. 2, Porto, 1997, p. 259s; SANCHES, M. J. et alii, *Buraco da Pala (Mirandela): datas de Carbono 14 calibradas e o seu poder de resolução - algumas reflexões*, in *1º Congresso de Arqueologia Peninsular - Actas*, v. 1, Porto, 1993, p. 223-243; SANCHES, Maria de Jesus / SANTOS, Branca do Carmo T. O., *Levantamento arqueológico de Mirandela*, in *Portugália*, nova série, v. 8 (1987), p. 19-21

RIBEIRA DA POUSADA (Mirandela)

Outro dos eixos de penetração na Serra de Passos - Santa Comba. Numa das falésias da sua margem direita, próxima da localidade de Franco (Mirandela, Bragança) encontram-se seis abrigos, um dos quais (n. 6, no extremo sudoeste) com pintura esquemática (41° 27' 0" Norte; 1° 48' 7" Leste de Lisboa; cota = 800 m). O abrigo consiste numa fenda com 5 m de largura por 3 m de altura. Na parede mais recuada entre o início de duas galerias, à esquerda, e um recôncavo, à direita, desenvolve-se uma superfície plana vertical, pintada na zona inferior com um motivo circular de cor vermelho vinho, a cheio, inscrito num círculo negro-azulado. A zona superior do painel foi recentemente vandalizada.

Bibliografia: SANCHES, Maria de Jesus, *Os Abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos - Mirandela, no conjunto da Arte Rupestre desta região: algumas reflexões*, Mirandela 1991; idem, *Megalitismo na bacia de Mirandela*, in *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal* (Mangualde, Nov. 1992), Viseu, 1994, p. 249-284; idem, *Passos/Santa Comba Mountain in the context of the Late Prehistory of Northern Portugal*, in *World Archaeology*, v. 28, n. 2 (1996), p. 220-230

REGATO DAS BOUÇAS ou Casinhas (Mirandela)

Constitui um dos eixos de penetração na Serra de Passos - Santa Comba, região montanhosa integrada na Bacia depressionária do Rio Mirandela e coincidente com o limite Oeste de Trás-os-Montes oriental, consoante a definição de Orlando Ribeiro. Nas falésias e pequenos afloramentos de xistos quartzíticos existentes em ambas as margens do troço inicial do ribeiro, abrem-se doze abrigos, dos quais oito contêm pintura esquemática (n. 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8 e 9 [41° 28' 13" Norte; 1° 51' 36" Leste de Lisboa; cota = entre 550 e 560 m]), identificados em Setembro de 1988, os quais podem ser entendidos com uma unidade, quer do ponto de vista temático, quer de uma perspectiva cultural. *Abrigo 1* [41° 28' 14" Norte; 1° 51' 14" Leste de Lisboa; cota = 710 m]: mede 2 m de altura por 3 m de profundidade, comunicando com exterior por duas estreitas aberturas, cada uma com cerca de 1 m de largura por 1,8 m de altura; num pequeno painel que se acha

à esquerda da entrada sudoeste, e a cerca de 30 cm do solo, são observáveis restos de pintura de cor vermelho vinho, muito deterioradas pela erosão e pelos líquenes. *Abrigo 2* [41° 28' 8" Norte; 1° 51' 21" Leste de Lisboa; cota = 610 m]: localizado na margem direita, logo após a primeira curva da estrada florestal aberta recentemente e que constitui o acesso de Passos ao Cruzeiro; mede 2,5 m de profundidade por 6 m de altura na entrada (primitivamente apenas 4,5 m); no fundo, em três painéis, observam-se outros tantos grupos de pinturas de cor vermelho vivo, existindo ainda um grupo de pinturas na parede oeste, onde são discerníveis antropomorfos com cerca de 10 cm de altura com os braços e as pernas arqueados, alguns fálcos e um segurando uma maça ou barra vertical; num dos grupos da parede do fundo vê-se um antropomorfo vestindo uma espécie de saia (quatro traços verticais, paralelos entre si e superiormente ligados por outro traço horizontal) e cuja cabeça é coroada por um toucado (com penacho). *Abrigo 3* [na realidade consta de dois: abrigo Casinhas de Nossa Senhora e abrigo Vermelho]: o mais importante do conjunto, também pela circunstância de a sua sacralidade haver sido sucessivamente actualizada mediante a adição de motivos sobre as superfícies já pintadas ou repinte parcial de ideogramas pré-existent; situa-se na margem direita da ribeira, a cerca de 350 m (em linha recta) para nordeste do abrigo 2; consiste numa fenda rasgada, na horizontal (medindo cerca de 2,5 m de largura por 3,5 m de profundidade e 1 m de altura interior), a meia altura (a cerca de 40 m do solo actual) de uma falésia vertical; no exterior, em pequenos painéis, definem-se nove grupos de pinturas a vermelho alaranjado, laranja e a vermelho vinho, com figurações pectiformes, rectângulos segmentados internamente, arboriformes e outros motivos esquemáticos de difícil interpretação; no interior, o tecto e a parede norte acham-se repletos de pinturas a vermelho alaranjado, vermelho vinho e laranja, com figurações de pectiformes, esteliformes, linhas de pontos, escaleriformes, figuras subrectangulares alongadas e seccionadas interiormente em várias partes por linhas perpendiculares entre si ou desencontradas, arboriformes, etc.; o bom estado de conservação das pinturas, a sua variedade e as tonalidades de tintas utilizadas são de destacar e, designadamente, as sobreposições (sobretudo no tecto) que denotam que as figuras de cor laranja ou vermelho alaranjado são anteriores às de cor vermelho vinho. *Abrigo 4*: a cerca de um metro do nível actual do solo, apresenta o que aparenta ser um antropomorfo montado em quadrúpede não identificável, pintado a preto; *Abrigo 5*: pinturas efectuadas a vermelho e a laranja, em péssimo estado de conservação, o que impede qualquer identificação dos motivos (pectiformes e figuras rectangulares interiormente seccionadas); *Abrigo 7*: situado num plano superior ao *abrigo 6* (no qual não foi detectada qualquer pintura, porventura por o tecto e as paredes laterais terem sido rebentadas pelo proprietário); no tecto, muito danificado pela erosão e pelo fumo, divisam-se, pintados a vermelho alaranjado, um círculo raiado e um antropomorfo de braços abertos; *Abrigo 8*: os motivos pintados a vermelho vinho figuram arboriformes, figuras quadrangulares e vestígios de um pectiforme; *Abrigo 9*: *Buraco da Pala. Próximo existe localidade denominada Mãe d'Água.

Bibliografia: SANCHES, Maria de Jesus, *Descoberta de novos abrigos com pintura esquemática do Norte de Portugal*, in *Arqueologia*, n. 18 (Dez. 1988), p. 205; *Bibliografia*: idem, *Os Abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos - Mirandela, no conjunto da Arte Rupestre desta região: algumas reflexões*, Mirandela 1991; idem, *Megalitismo na bacia de Mirandela*, in *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal* (Mangualde, Nov. 1992), Viseu, 1994, p. 249-284; idem, *Passos/Santa Comba Mountain in the context of the Late Prehistory of Northern Portugal*, in *World Archaeology*, v. 28, n. 2 (1996), p. 220-230

RIBEIRA DA CABREIRA (Mirandela)

Outro dos eixos de penetração na Serra de Passos - Santa Comba. Nas suas margens acham-se três abrigos (n. 1, 3 e 11) com pintura esquemática: *Abrigo 1*: localizado no lugar do Pai Coto (41° 29' 26" Norte; 1° 50' 9" Leste de Lisboa; cota = 550 m), da Quinta do Cuco, freg. Sucções (Mirandela); abre-se na base sul de um paredão muito irregular

de quartzito (sito na margem direita), consistindo mais numa fenda do que num abrigo (medindo 3 m de abertura, 1,5 m de profundidade máxima e 1,5 m de altura máxima), onde não foi recolhido espólio; numa superfície aplanada do tecto (situada a cerca de 70 cm do solo actual), foram pintados, aparentemente com o dedo, dois traços cor de laranja avermelhado, subsistindo outras manchas avermelhadas e negras, resultantes do escorrimento de óxidos. *Abrigo 3*: localizado no lugar de Póvoa (41° 30' 16" Norte; 1° 50' 16" Leste de Lisboa; cota = 400 m), da localidade de Calçadas (Mirandela); situa-se na margem direita, num alinhamento de afloramentos, onde um deles forma uma pala de rocha com cerca de 1 m, sem espólio; a cerca de 2,2 m do solo, observa-se uma zona plana onde são perceptíveis seis traços subparalelos de cor vermelho alaranjado, porém mais marcados que a superfície circundante que se encontra totalmente manchada de óxidos vermelhos e alaranjados, resultantes da exsudação da humanidade por entre as fissuras da rocha. *Abrigo 11*: localiza-se na margem esquerda, na base leste do monte da Peladosa (41° 30' 17" Norte; 1° 50' 11" Leste de Lisboa; cota = 390 m), imediato à ribeira, próximo de S. Pedro da Veiga de Lila (Valpaços, Vila Real); trata-se de um abrigo de grandes dimensões (7 m de largura máxima na entrada e 6 m de profundidade); na área que precede a entrada existem várias superfícies planas, em três das quais se observam pinturas esquemáticas de cor vermelho vinho: no painel 1 (o mais próximo da entrada) vê-se um motivo constituído por duas filas ou alinhamentos paralelos de pequenos pontos pintados; no painel 2 (a maior superfície pintada deste abrigo) veem-se alguns traços, seguidos de uma figura subrectangular, bastante afectada pela escorrência de águas, abaixo da qual se acham algumas manchas, enquanto na parte superior do painel se encontra outra figura quase apagada e no seu extremo direito, é observável uma figura que configura uma espécie de gancho em ângulo recto; no painel 3 apenas são discerníveis algumas manchas de tinta insuficientes para definir motivos identificáveis.

Bibliografia: SANCHES, Maria de Jesus, *Os Abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos - Mirandela, no conjunto da Arte Rupestre desta região: algumas reflexões*, Mirandela 1991; idem, *Megalitismo na bacia de Mirandela*, in Actas do Seminário *O Megalitismo no Centro de Portugal* (Mangualde, Nov. 1992), Viseu, 1994, p. 249-284; idem, *Passos/Santa Comba Mountain in the context of the Late Prehistory of Northern Portugal*, in *World Archaeology*, v. 28, n. 2 (1996), p. 220-230

CAVERNA DOS MORCEGOS (Urrós, Mogadouro)

O abade de Baçal (*Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*, v. 9, p. 679) apontou a possibilidade da existência de “restos de pinturas megalíticas”.

FRAGA DA FONTE DE PRADO DA RODELA (Mogadouro)

Insculturas realizadas pelo processo de abrasão.

FRAGAS DO DIABO (Vila dos Sinos, Vilarinho dos Galegos, Mogadouro)

Também conhecido por abrigo de Veiga dos Moinhos [*Gauss*: M - 324,5; P - 481,2]. Conjunto de seis abrigos em xisto, dos quais quatro (1, 3, 5 e 6) contêm vários painéis com numerosas insculturas esquemáticas, constituídas por: 1. sulcos ou *riscos* agrupados em sequências paralelas e oblíquas de número variável, obtidos por abrasão (tipo unhada do Diabo); 2. sulcos em V, cortados; 3. rectângulos axadrezados, similares aos de Aguçadeiras e do *abrigo 5* de Vale de Espinheiros.

Bibliografia: LEMOS, Francisco Sande / MARCOS, Domingos dos Santos, *As gravuras rupestres das Fragas do Diabo (Mogadouro)*, in *Cadernos de Arqueologia*, s. 2, n. 1 (1984), p. 137-141

CABEÇO DO AGUILHÃO 1, 2 e 3 (Parada, Penas Róias, Mogadouro)

Três abrigos numa parede de xisto, paralela ao Rio Sabor. *Abrigo 1*: no solo deste abrigo em forma de pala existe um bloco solto onde se observam diversos sulcos lineares, obtidos por abrasão, do tipo unhada do Diabo; *Abrigo 2*: pequenos núcleos de insculturas filiformes, do tipo unhada do Diabo, no solo rochoso; *Abrigo 3*: na parede à esquerda, perpendicular ao rio, observam-se gravuras filiformes.

PARADA (Penas Róias, Mogadouro)

Exibe insculturas filiformes em pequeno painel de xisto sob pala, sita junto a uma linha de água, afluente da margem esquerda da Ribeira de Zacarias.

PENAS RÓIAS ou **Fraga das Letras** (Penas Róias, Mogadouro)

Também conhecido por Pena das Letras [*Gauss*: M - 324,4; P - 491,6]. Sob as ruínas do castelo medieval templário, tendo sido divulgado em primeira-mão pelo signatário (Encontro do Património em Tomar, 1979) e só mais tarde (1981) por Ferreira de Almeida e António Mourinho. Numa fissura voltada a poente, sob uma pequena pala existente no maciço rochoso onde assenta o castelo, observam-se quatro grupos de pictogramas esquemáticos, a saber: 5 figuras antropomorfas (medindo entre 60 e 180 mm), 3 das quais apresentam os braços arqueados (em asa e em fi), e cor vermelho alaranjado, cujo número se modifica consoante as condições de iluminação. Em duas delas reconhece-se uma espécie de chapéu ou penacho (toucado). Em 1986, constatou-se que algumas das figuras haviam sido vandalizadas.

Bibliografia: ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de / MOURINHO, António Maria, *Pinturas Esquemáticas de Penas Róias, terra de Miranda do Douro*, in *Arqueologia*, n. 3 (Jun. 1981), p. 43-48

QUINTA DE CRESTELOS 2 (Meirinhos, Mogadouro)

Abrigo em xisto em cujo interior foram identificadas gravuras filiformes do tipo *unhada do Diabo*.

FRAGA DO FOJO (Souto da Velha, Torre de Moncorvo)

Abrigo em xisto contendo um pequeno painel com pintura esquemática a ocre (figuras reticuladas em muito mau estado de conservação).

CASTELO BRANCO

LAPA DA MOURA (Colmeais, Monsanto)

Insculturas antropomórficas esquemáticas.

ÉVORA

POIO GRANDE (Alandroal)

Abrigo aberto na vertente rochosa da margem esquerda da ribeira da Silveirinha, em cuja parede ocidental se observa um painel gravado com covinhas, as quais também ocorrem dispersas neste santuário.

PEDRA DA MOURA ou **Lapa do Maltês 1** (Pavia)

Situado nos Covatos, onde Vergílio Correia presumiu distinguir vestígios de pintura a vermelho. Actualmente, observam-se muitas covinhas nas paredes deste abrigo, principalmente na parede da esquerda, algumas dessas covinhas exibindo vestígios de ocre.

BOAVISTA (Reguengos de Monsaraz)

Abrigo com covinhas.

ROCHA DA MOURA (Reguengos de Monsaraz)

Abrigo com covinhas.

SÃO CRISTÓVÃO (Reguengos de Monsaraz)

Cerca de uma dúzia de superfícies decoradas, algumas integrando um pequeno abrigo.

TOCA DA GALIANA (Pedrógão, Vidigueira)
Abrigo numa das margens do Guadiana.

FARO

PENEDO (S. Bartolomeu de Messines)

Pequeno santuário constituído por abrigo com pictogramas esquemáticos e espólio neolítico.

VALE BOI (Budens, Vila do Bispo)

Abrigo sob rocha onde, desde o ano 2000, têm sido colectados artefactos remontando ao Solutrense (pontas solutrenses, fragmento de cetáceo, provavelmente golfinho; dente de veado polido e perfurado destinado a ser suspenso, etc.). Desta jazida saiu ainda uma placa de xisto decorada com um cavalo, um auroque e uma cabra.

Bibliografia: BICHO, Nuno / CORREIA, Jorge / STINER, Mary / FERRING, C. Reid / LINDLY, John, *Preliminary results from the Upper Paleolithic site of Vale Boi, southwestern Portugal*, in *Journal of Iberian Archaeology*, n. 5 (2003), p. 51-66; BICHO, Nuno Ferreira, *Vale Boi*, in *A Pré-História do Algarve*, Tomar, 2006, p. 109-111

GUARDA

FONTE FRIEIRA 1 (Castelo Melhor)

Rocha com gravuras filiformes sob um ressalto de xisto que cria o efeito de pala.

FAIA 3 e 5 (Cidadelhe, Vila Nova de Foz Côa)

Arqueosítios pertencentes ao complexo de Arte rupestre do vale do Côa. Faia 3 apresenta um extenso painel vertical, no qual se observa um grande antropomorfo (com cerca de 1 m de altura) pintado em vermelho vinho: longas pernas, cabeça achatada e o que parece ser um arco, na mão direita. A pintura tem sido atribuída ao Neolítico. Faia 5 exhibe dois antropomorfos de cor avermelhada.

Bibliografia: BAPTISTA, António Martinho, *No tempo sem tempo: a arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa (com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares)*, Lisboa, 1999, p. 158; REBANDA, Nelson, *Os Trabalhos Arqueológicos e o Complexo de Arte Rupestre do Côa*, Lisboa, 1995

FOZ DE VALE DE FIGUEIRA (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa)

Gravuras lineares, fusiformes e um pequeno painel com vestígios de pintura esquemática a vermelho (antropomorfo).

RIBEIRINHA (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)

Aberto no granito da margem do curso de água homónimo, afluente da margem direita do Côa; exhibe antropomorfos muito delidos, pintados a ocre nas paredes do fundo e lateral.

Bibliografia: REBANDA, Nelson, *Os Trabalhos Arqueológicos e o Complexo de Arte Rupestre do Côa*, Lisboa, 1995

LEIRIA

VALE DE LAPEDO 1 (Santa Eufêmia)

Abrigo de reduzidas dimensões, sito na vertente esquerda do Vale do Lapedo, apresentando diversos pictogramas esquemáticos de cor vermelha, de que se destacam dois antropomorfos (um dos quais ictifálico) e um conjunto de, pelo menos, cinco linhas cruzadas angularmente, cuja interpretação é inviável em consequência do mau estado de conservação do conjunto.

Bibliografia: MARTINS, Andrea / RODRIGUES, Ana Filipa / GARCIA DIEZ, Marcos, *Arte Esquemática do Maciço Calcário Estremenho: Abrigo do Lapedo I e Lapa dos Coelhoos*, in *Arkeos*, n. 15 (Mar. 2005), p. 15-27

VALE DO POIO NOVO (Redinha, Pombal)

Pictogramas, a maioria dos quais antropomórficos, pintados sobre calcário, descobertos por Helena Moura. Alguns apresentam sinais de terem sido avivados em data recente.

PORTALEGRE

ABRIGO DO CAVALEIRO (Serra da Cabaça ou do Cavaleiro, Arronches)

Descoberto em 1983 por Manuel Inácio Pestana, o qual reputa a qualidade das suas pinturas esquemáticas (ainda inéditas) de “francamente superior a qualquer das lapas do Vale de Junco [Abrigo ou Lapa dos Gaivões]”. Foram identificados diversos antropomorfos com penachos, bem assim como zoomorfos.

Bibliografia: BAPTISTA, António Martinho, *História da Arte em Portugal*, v. 1, Lisboa, 1986, p. 35-36

ABRIGO PINHO MONTEIRO (Arronches)

Diaclase situada na extremidade nascente da serra do Monte Novo [30° 9' 50'' Norte; 7° 13' 15'' Oeste], próximo da estrada que liga Nave Fria à aldeia da Esperança. Foi identificada, no Verão de 1981, por Jorge Pinho Monteiro, com cujo nome seria baptizado após a morte prematura do arqueólogo. Constituída por uma grande sala (10 x 11 m), aberta para o exterior e bem iluminada pelo sol, apresenta, na abóbada que atinge os 2 m de altura, pinturas que também se estendem às paredes laterais, de forma geral muito deterioradas pela acção de fungos e microrganismos. Os painéis mais antigos foram realizados com tinta vermelho-alaranjada, tendo, ulteriormente, sido sobrepostos por figuras e manchas de cor vermelho escuro. Os distintos cromatismos correspondem a temas diferenciados. À primeira fase (Calcolítico inicial), além de pictogramas solares radiados, pertencerá um conjunto de antropomorfos, esquemáticos: com braços e pernas em arco, além de figuras em I. Ao segundo período (atribuível à Idade do Bronze) remontarão pontuações e traços, bem como uma figura ictifálica e cornúpetas, ostentando um báculo, associada à qual se divisa uma outra, com corpo bitriangular e cabeça coroadas por um gorro cónico, representada de pé sobre um quadrúpede muito esquemático (interpretada como divindade oriental).

Bibliografia: GOMES, Mário Varela, *Arronches: abrigo Pinho Monteiro - 1982*, in *Informação Arqueológica*, n. 5 (1985), p. 90-91; PESTANA, Manuel Inácio, *Arte Rupestre da freguesia da Esperança (Concelho de Arronches)*, in *Actas das 1ª Jornadas de Arqueologia do nordeste alentejano* (Coimbra, 1985), Coimbra, 1987, p. 17-24; OLIVEIRA, Jorge de / BORGES, Sofia, *Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S. Mamede*, in *Ibn Maruán*, n. 8 (Dez. 1998), p. 193-202

IGREJA DOS MOUROS (Esperança, Arronches)

Diaclase situada na serra do Monte Novo. Descoberta, em 1960, por Albuquerque e Castro e Octávio da Veiga Ferreira. As pinturas esquemáticas figuram antropomorfos de entre os quais se destaca um ramiforme.

Bibliografia: CASTRO, L. A. / FERREIRA, O. Veiga, *As pinturas rupestres esquemáticas da Serra dos Louçães*, in *Conimbriga*, v. 2-3 (1960-61), p. 203-222; *Arte rupestre da freguesia da Esperança (Concelho de Arronches)*, 1987; OLIVEIRA, Jorge de / BORGES, Sofia, *Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S. Mamede*, in *Ibn Maruán*, n. 8 (Dez. 1998), p. 193-202; PESTANA, Manuel Inácio, *Arte Rupestre da freguesia da Esperança (Concelho de Arronches)*, in *Actas das 1ª Jornadas de Arqueologia do nordeste alentejano* (Coimbra, 1985), Coimbra, 1987, p. 17-24

LAPA DOS GAIVÕES ou Abrigo de Vale de Junco (Arronches)

Abrigo da Serra dos Gaivões, descoberto, em 1914, por Aurélio Cabrera. As suas numerosas pinturas esquemáticas (em diversos tons de vermelho, muito delidas e em péssimo estado de conservação) foram sucessivamente estudadas por Hernandez-Pacheco, Virgílio Correia, Henri Breuil, Rui de Serpa Pinto, Albuquerque e Castro,

Octávio da Veiga Ferreira, etc. São de destacar diferentes conjuntos de antropomorfos esquemáticos, particularmente o grupo formado por cinco dessas figuras, alinhadas, três das quais de mãos dadas, bem assim como alguns pares de casais. Num caso são observáveis protuberâncias distais, evocando chifres. Entre os zoomorfos representados, salientam-se: um bovídeo de grandes dimensões (interpretado por Breuil como rinoceronte), dois veados, um lobo ou cão (?), além de eventuais serpentes, representadas por linhas serpentiniformes ou zigiguezagueantes. A. e Castro e V. Ferreira descobriram um zoomorfo no painel do tecto, que identificaram como um elefante. Observam-se, ainda séries de pontos e de traços, etc.

Bibliografia: BREUIL, Henri, *La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arronches (Portalegre)*, in *Terra Portuguesa*, v. 2, n. 13-14 (Fev.-Mar. 1917), p. 17-27; idem, *Les peintures rupestres de la Péninsule Ibérique*, in *L'Anthropologie*, v. 30 (1920), p. 48; CASTRO, L. A. / FERREIRA, O. Veiga, *As pinturas rupestres esquemáticas da Serra dos Louções*, in *Conimbriga*, v. 2-3 (1960-61), p. 203-222; CORREIA, Virgílio, *Notas - Pinturas rupestres da Senhora da Esperança (Arronches)*, in *Terra Portuguesa*, a. 1, v. 1, n. 5 (Jun. 1916), p. 158; FERREIRA, Octávio da Veiga, *Recordações de uma viagem do Padre Henri Breuil ao Abrigo de Vale de Junco (Esperança)*, in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, v. 9 (1965), p. 275-277; HERNANDEZ-PACHECO, Eduardo, *Pinturas pré-históricas y dolmens de la región de Albuquerque (Extremadura)*, in *Boletín de la Sociedad Española de Historia Natural*, v. 16 (1916); idem, *Comision de Investigaciones paleontológicas e prehistoricas*, Madrid, 1916, p. 7, nota 8; OLIVEIRA, Jorge de / BORGES, Sofia, *Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S. Mamede*, in *Ibn Maruán*, n. 8 (Dez. 1998), p. 193-202; PESTANA, Manuel Inácio, *Arte Rupestre da freguesia da Esperança (Concelho de Arronches)*, in *Actas das 1ª Jornadas de Arqueologia do nordeste alentejano (Coimbra, 1985)*, Coimbra, 1987, p. 17-24; PINTO, Rui de Serpa, *O abrigo pre-histórico de Valdejunco (Esperança)*, in *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, v. 5, n. 3 (1931), p. 245-246; SANTOS JÚNIOR, J. R., *Arte Rupestre*, in *Actas do Congresso do Mundo Português*, v. 1, Lisboa, 1940, p. 333-336

LAPA DOS LOUÇÕES (Esperança, Arronches)

Sito na serra da Cabaça ou do Cavaleiro. Descoberto por Breuil, Zbyszewski e Octávio da Veiga Ferreira, em 1957. Apresenta algumas pinturas esquemáticas (cor vermelha), de entre as quais se salientam uma figura antropomórfica esquematizada (em cruz), um pesciforme e um ramiforme. Apresenta ainda figuras em fi e uma mão em positivo (com falta de um dedo).

Bibliografia: CASTRO, L. A. / FERREIRA, O. Veiga, *As pinturas rupestres esquemáticas da Serra dos Louções*, in *Conimbriga*, v. 2-3 (1960-61), p. 203-222; OLIVEIRA, Jorge de / BORGES, Sofia, *Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S. Mamede*, in *Ibn Maruán*, n. 8 (Dez. 1998), p. 193-202

SANTARÉM

PEGO DA RAINHA 1 e 2 (Mação)

Dois abrigos com pintura esquemática sobre suporte quartzítico (orientado a 145° SE), descobertos, nos arredores de Envendos, durante uma campanha de prospecção arqueológica realizada no concelho de Mação, em Julho de 2001. O *abrigo 1* é constituído por um único painel onde foram identificadas 69 figurações geométricas e, eventualmente, a de uma mão; o *abrigo 2* é constituído por doze painéis com 54 figurações do mesmo tipo (digitações e barras realizadas com pigmento vermelho escuro): pontos isolados e agrupados, traços simples, duplos e triplos, círculos interrompidos, manchas, triângulos e duplos triângulos, zigiguezagues, etc. Ambos foram afectados pelos incêndios de 2003.

Bibliografia: CARDOSO, Daniela, *Pego da Rainha (Mação)*, in *Arkeos*, n. 14 (Nov. 2003), p. 59-72; DELGADO, Cidália / OOSTERBEECK, Luiz / CRUZ, Ana, *Incêndios 2003: estratégias e resultados*, in *Arkeos*, n. 16 (Jan. 2006), p. 77-88

LAPA DOS COELHOS (Zibreira, Torres Novas)

Pequena cavidade da Serra d'Aire e Candeeiros, integrável no complexo cársico da Gruta do Almonda, cuja entrada se acha orientada a Sul, a cerca de 127 metros de altura. A pesquisa arqueológica revelou uma sequência estratigráfica do Paleolítico

Superior (dois níveis: Magdalenense e Paleolítico Superior Antigo), Calcolítico e época Moderna. Os motivos esquemáticos de cor vermelha (um ramiforme e diversos pontos ou manchas de colorantes, de morfologia irregular, circundando-o), pintados num nicho da parede calcária, em muito deficiente estado de conservação, acham-se parcialmente expostos à luz solar, e cobertos por um manto de calcite, líquenes e fungos.

Bibliografia: ALMEIDA, Francisco, *Lapa dos Coelhos – Complexo cársico da Gruta do Almonda. Relatório de trabalhos arqueológicos 2002* [IPA]; MARTINS, Andrea / RODRIGUES, Ana Filipa / GARCIA DIEZ, Marcos, *Arte Esquemática do Maciço Calcário Estremenho: Abrigo do Lapedo I e Lapa dos Coelhos*, in *Arkeos*, n. 15 (Mar. 2005), p. 15-27

AGROAL 1 (Vila Nova de Ourém)

Situado numa plataforma aplanada no topo de um esporão da freguesia de Formigais. Possui vestígios de arte rupestre datável do Calcolítico.

VIANA DO CASTELO

ABRIGO DAS PINTURAS (Santa Eufêmia, Castro Laboreiro, Melgaço)

Sito na margem direita da Ribeira da Caranguejeira, também conhecida por Ribeira de Sirol. O monocromatismo dos pictogramas e a ocorrência de um antropomorfo tem induzido alguns investigadores a datá-las do Calcolítico.

VILA REAL

PALA PINTA (Carlão, Alijó)

Sito no termo da aldeia do Franzinhal. Consiste numa parede granítica, com dois núcleos distintos de pintura esquemática monocromática (a vermelho escuro), descoberta no Natal de 1921 por Horácio de Mesquita, então aluno do prof. Vergílio Correia. No núcleo maior, situado à direita do observador, destacam-se cinco representações circulares raiadas, uma das quais formada por círculos concêntricos e traços asteriformes, as quais têm sido interpretadas como discos solares, mas igualmente como cometas, se consideradas em associação com as séries de pontos formando, em alguns casos, linhas paralelas. Cerca de quatro metros para a esquerda, no outro núcleo, repete-se o símbolo solar, igualmente formado por dois círculos concêntricos, apresentando-se o externo associado a faixas irradiantes. Além destas, observam-se outras figuras: motivo em fi, ramiformes, etc. Sondagens realizadas por Santos Júnior no interior do abrigo não produziram “o mais pequeno objecto de interesse arqueológico, nem um simples fragmento de cerâmica”.

Bibliografia: BREUIL, Henri, *Les peintures rupestres de la Péninsule Ibérique*, in *L'Anthropologie*, v. 30 (1920), p. 47-48; CORREIA, Vergílio, *Arte Rupestre em Portugal: A Pala Pinta*, in *Terra Portuguesa*, n. 31-32 (Jan.-Abr., 1922), p. 145-147; idem, *Arte rupestre em Portugal: A Pala Pinta (Aditamento)*, in *Terra Portuguesa*, n. 33-34 (Mai. 1922), p. 145-147; MESQUITA, Horácio de, *Arte Rupestre em Portugal: a Pala Pinta*, in *Terra Portuguesa*, n. 33-34 (Mai. 1922), p. 145; SANTOS JÚNIOR, J. R., *O abrigo pre-histórico da Pala Pinta*, in *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, v. 6, n. 2 (1933), p. 33-43; idem, *Arte Rupestre*, in *Actas do Congresso do Mundo Português*, v. 1, Lisboa, 1940, p. 336-337; SOUSA, Orlando, *O abrigo de arte rupestre da Pala Pinta*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 29 (1989)

FRAGAS AMARELAS (Jou, Murça)

Abrigo que se abre num grande afloramento de xisto quartzítico, exibindo diversas covinhas junto da entrada.

UISEU

AGRO DE PINTURAS (Cinfães)

Descoberto por C. A. Ferreira de Almeida e A. Maria Mourinho. Os pictogramas referenciados estão inéditos.

PENEDO LURADO (Rio de Loba)

Abrigo com covinhas.

Bibliografia: GIRÃO, Aristides de Amorim, *Monumentos pré-históricos do Concelho de Viseu*, in *O Arqueólogo Português*, v. 25 (1921-1922), p. 183-189

FRAGA DE AIA (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira)

Pequeno abrigo granítico, sito próximo do rio Távora, identificado por Agostinho dos Campos Ferreira, no início da década de 1980. Terá sido ocupado durante um curto lapso de tempo, durante os finais do IV^o ou início do V^o milénio a. C. Presume-se que as pinturas a vermelho (em tons que vão do vermelho vivo ao vermelho cor de vinho) hajam sido, outrora, mais numerosas, tendo muitas ficado delidas em consequência da erosão natural. São reconhecíveis dois grupos de figuras humanas e animais, um naturalista e outro esquemático, realizados em ocasiões distintas: no primeiro sobressai um cervídeo, motivo por que se tem interpretado essa figuração naturalista como uma cena de caça. O significado do conjunto esquemático permanece enigmático. As escavações realizadas no interior do abrigo permitem datar a sua utilização de entre os finais do terceiro milénio a. C. e os princípios do segundo, pelo menos no que concerne à fase naturalista, sem qualquer paralelo na região.

Bibliografia: FIGUEIRAL, L., *Fraga d'Aia (S. João da Pesqueira): primeiros resultados antracológicos*, in *Portugália*, nova série, n. 9-10 (Porto, 1988-89), p. 107-108; JORGE, Vitor Oliveira, *Novos dados sobre a Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira)*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 31, n. 1-4 (Porto, 1991), p. 181-184; JORGE, Vitor Oliveira / BAPTISTA, A. M. / SANCHES, M. J., *A Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira): arte rupestre e ocupação pré-histórica*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 28, n. 1-2 (Porto, 1988), p. 201-218; JORGE, Vitor de Oliveira / BAPTISTA, António Martinho / JORGE, Susana de Oliveira / SANCHES, Maria de Jesus / SILVA, Eduardo Jorge L. da / SILVA, Margarida Santos / CUNHA, Ana Leite da, *A Fraga d'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira): arte rupestre e ocupação pré-histórica*, in *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, v. 1, Porto, 1988, p. 201-233; JORGE, Vitor de Oliveira / BAPTISTA, António Martinho / JORGE, Susana de Oliveira / SANCHES, Maria de Jesus / SILVA, Eduardo Jorge L. da / SILVA, Margarida Santos / CUNHA, Ana Leite da, *O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira): notícia preliminar*, in *Arqueologia*, n. 18 (Dez. 1988), p. 109-130; JORGE, Vitor Oliveira / DELIBRIAS, G., *Uma data de C14 para a Fraga d'Aia*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 28, n. 1-2 (Porto, 1988), p. 231-232